

Capim

Associação Quilombola de Santa Fé



Nova cartografia social da Amazônia

Comunidade Quilombola de Santa Fé do Guaporé

34

Costa Marques RO





Participantes da Oficina de Mapas nos dias 11 e 12 de setembro de 2009, na Comunidade Quilombola de Santa Fé, Costa Marques, Rondônia

Mafalda da Silva Gomes, Sebastião Rodrigues Almeida, João Rodrigues Nunes, Sofia Rodrigues Flores, Francisco Ortiz Rodrigues, Sebastião Rodrigues Filho, Fátima Ortiz Rodrigues, Noel Zebalho, João Aparecido de Souza Leal, Jorge Ortiz Rodrigues, Irani Silva Dantas, Valmar Ferreira da Conceição, Maria Carmem Ortiz Rodrigues, Gesabel Moraes da Silva, Eugenio Rodrigues de Alencar, Divina Moraes da Silva, Wilhasmar da Silva, Francimar Moraes da Silva, Geane ortiz Gomes, Antonio Clarismundo Leite Filho, Benedito Carlos de Albuquerque, Josimar Hortiz Ferreira, Gigliane Ortiz Ferreira, João Ortiz Ferreira, Victor Saldanha, Zelinda Rodrigues Lima, Ana Lucia da Silva de Almeida, Greiciane de Almeida Rodrigues, Graci Helene de Almeida Rodrigues, Rayne Gomes de Almeida, Terezinha Gomes de Almeida, Lindomar Rodrigues Lima, Roseli Rodrigues Lima, Rosimara Rodrigues Lima, Rosiane Rodrigues Lima, Camila Ortiz Viana, Luiz Pedro da Silva, Ivanete Ortiz Aiala Vaca, Ivanildo Ortiz Aiala Vaca, Beatriz Aiala Ortiz, Suely da Silva Justino, Alaina Justino Celestino, Alan Justino Celestino, Arison Justino celestino, Fernanda da Silva Almeida, Francisco Flores Ferreira, Adaleia Alves de Souza Arruda, Amaury Antonio Ribeiro de Arruda, Lair Marques de Azevedo, Valdirene Veiga de Souza, Francisco Assis Rodrigues, Davi Henrique Almeida.

Coordenação PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(NCSA-CESTU/UEA, PPGAS/UFAM, CNPq)

Equipe de pesquisa

Emmanuel de Almeida Farias Júnior (NCSA/CESTU/UEA)
Alfredo Wagner Berno de Almeida
(NCSA/CESTU/UEA-CNPq)
Raiana Mendes Ferrugem (PNCSA-PPGAS-UFAM)

Edição

Emmanuel de Almeida Farias Júnior (NCSA/CESTU/UEA)

Cartografia e mapas

Luís Augusto Pereira Lima (NCSA-CESTU/UEA)

Levantamento de GPS

Sebastião Rodrigues Filho
Valmar Ferreira da Conceição
Ivanildo Hortiz Aiala
Francisco Flores Ferreira
Noel Zebalho, José Inácio Aiala
Emmanuel de Almeida Farias Júnior

Fotografias e Audio

Francisco Flores Ferreira
José Inácio Aiala
Emmanuel de Almeida Farias Júnior

Projeto gráfico e editoração

Ernandes Fernandes / DESIGN CASA 8

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia: Quilombolas de Santa Fé – Costa Marques, RO / coordenador, Alfredo Wagner Berno de Almeida – Manaus : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2009.

12 p. : il. ; 24 cm. (Movimentos Sociais Identidade Coletiva e Conflitos ; 34)
ISBN 978-85-7883-077-9

1. Comunidade de Quilombolas – Costa Marque (RO) I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Farias Junior, Emmanuel de Almeida, III. Série.

CDU 301.185.2(811.1)

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529

A comunidade quilombola de Santa Fé

Tenho 57 anos, nasci em Laranjeiras, sou filha de Maria de Nazaré da Silva Gomes e Joaquim Gonçalves de Moraes, que são descendentes de remanescentes que vieram de Vila Bela, os pais dos meus pais[...] foi quando em 1960 a família da minha mãe, meus tios e minha vó resolveram sair de Laranjeiras[...] vim embora com ela para cá, então chegando aqui, sempre o trabalho dos meus tios foi seringa, castanha, poalha na época, eu tinha 8 anos quando eu vim com meus tios[...] com 17 anos sai já com meu marido, que é o seu Sebastião Rodrigues. Trabalhamos com castanha, poalha, meu marido trabalhou de vaqueiro, cuidar de gado[...] fomos tendo nossos filhos[...]. Sempre freqüentávamos Santa Fé, trabalhava, ia para o seringal trabalhar, inclusive na Bolívia trabalhamos 3 anos[...]até que chegou a vez que decidimos ficar aqui para viver, para morar aqui, e hoje está com quase 30 anos que nós vivemos aqui, meus filhos, a maioria é nascida aqui. **Mafalda da Silva Gomes, 57 anos**

Aqui já mudou muito, aqui é Santa Fé novo, porque o Santa Fé velho não era assim. Santa Fé velho, tinha uma escola ali, tinha uma igreja aqui assim, onde é o campo agora, as casas não eram aqui, isso aqui era a vila a escola e tudo, mas todo mundo morava para aquele lado, lá onde está o seu Manoel, que ali era as casas antigas. Ali era o cemitério antigo, registrado, que tá registrado lá na prefeitura, aqui não era a rua, a rua era lá, rua não, que a gente passava no meio do mato. Nós já tivemos muitos problemas aqui do tempo que o fazendeiro chegou, tivemos muitos problemas... **Valmar Ferreira da Conceição, 48 anos**

Só pra dar um conhecimento para as pessoas jovens: nós naquele tempo a gente cortava seringa um ano todinho, Guajará Mirim ia pro seringal passava dois, três anos, outros ficavam por lá mesmo, e aqueles que tinham a possibilidade de ter saldo no final do ano eles chegavam nas localidades Santo Antônio e Costa Marques e aí diziam pro patrão deles: “[...] eu vi um par de sapato lá e quero tanto comprar um par de sapato daquele pra mim” aí pegava um pedaço de papel e assinava, e pronto, ta aqui um vale, aí você pegava aquele par de sapato[...] tudo na base do vale[...] era assim que funcionava aqui, ninguém mexia com dinheiro por aqui, aí foi melhorando e com o tempo a gente foi se libertando[...]. **Eugenio Rodrigues de Alencar, 71 anos**

A comunidade vive da pesca, da caça, da agricultura, mandioca, milho, feijão. Arroz não tem jeito de plantar porque aqui pra plantar arroz é mais caro do que você comprar. Porque a terra é suja demais e a terra ta fraca também pro arroz, pro arroz a terra já ta fraca. **Sebastião Rodrigues Filho, anos 39; presidente da Associação Quilombola da Comunidade de Santa Fé**



Ruínas da escola fundada por Dom Rey, situada no território da Comunidade Quilombola de Santa Fé



Comissão retirada durante a Oficina de Mapas para realizar a tomada de pontos de GPS



Oficina de Mapas realizada durante os dias 11 e 12 de setembro de 2009, na Comunidade Quilombola de Santa Fé, Costa Marques, Rondônia

Os conflitos

Com o fazendeiro

Até que tinha muita gente unida aqui, mas o problema foi essas compras de terra que teve com o nosso vizinho, o seu Pascoal Novaes[...] muita gente na rua fala que os próprios velhos de Santa Fé venderam a terra [...] as pessoas tem que saber como foram as coisas, porque nessa briga com o seu Pascoal, entrou gente que era lá de dentro da lei, que foi cúmplice, a PM, a Civil, o prefeito foi cúmplice e queria passar a máquina por cima [...]. Esse tal de tenente Pimentel disse: “se vocês quiserem vender a terra vocês vendem, se vocês não quiseram vocês não vendem, se vocês quiserem vender vocês peguem o dinheiro que dê pra comprar uma chácara aqui na rua, o máximo que valem as terras é cinqüenta mil” cruzeiros naquele tempo, o dito tenente Pimentel tinha uma casa onde mora o [...] agora bem de esquina, aí ele marcou um dia de quarta-feira pra nós ir pra Costa Marques, o Duran vinha de voadeira levar a gente pra gente decidir se vendia ou não a terra, aí quando chegou o dia de quarta-feira o Duran veio e disse: “eu vim aqui avisar que o tenente Pimentel não ta aí, ele viajou junto com o seu Pascoal”, o seu Pascoal já tinha comprado a casa dele. Num dia de quinta-feira a gente tava tudo na roça, chegou o Duran e disse: “o tenente chegou e é pra vocês ir lá resolver o negócio da terra”, lá já estava o carro do Pascoal [...], quando chegamos lá em frente da PM, o tenente Pimentel disse: “entra o mais antigo”, aí entrou o mais antigo que era o pai do seu Sabino, o sogro do seu Eugênio que era o finado Napoleão, o finado Choco, esse foi o assunto. Entrou logo pai do Sabino e o tenente perguntou: “O senhor vai vender a sua terra?” e ele disse: “Não, eu não vou vender a minha terra” e ele (o tenente) disse: “é melhor vender do que perder” essa foi a história, e o pai do Sabino disse: “então se for assim eu vou vender a minha terra por cinqüenta mil”, tenente: “cinqüenta, não, é vinte e cinco, entra outro”, e foi assim o caso, ele é que dava o preço, aí o último foi eu, o Cordeirito e não sei quem foi o outro, mas faltava três só, aí depois o seu Eugênio recebeu mil cruzeiros ainda, esse ainda teve sorte e recebeu mil. Aí ele disse: “acabou o dinheiro já”, pronto. Aí como o último que recebeu foi o seu Eugênio, aí ele disse: “acabou o dinheiro”, e é aí que mora a jogada, eu quero saber como era que o Dr. Neves tinha os documentos batidos de todo mundo o nome completo? E de onde veio esse nomes? É da polícia civil, foi o único lugar que nós demos os nomes lá pra fazer a queixa foi lá, e quando chegou a minha vez o Dr. Neves chamou: “Valmar Ferreira da Conceição, assina aqui” e eu disse: “não, eu só vou assinar o papel depois que ler” vai que o papel ta me incriminando, aí eu peguei o papel e li e no papel constava que eu tinha vendido a terra e tinha recebido vinte mil, depois que eu li o papel eu disse: “isso aqui eu não assino”, aí eu chamei os vizinhos que não sabiam ler aí os outros também não assinaram [...] isso em 1984 pra 85. **Valmar Ferreira da Conceição, 48 anos**



Jovem da Comunidade Quilombola de Santa Fé realizando as gravações durante a Oficina de Mapas nos dias 11 e 12 de setembro de 2009, na Comunidade Quilombola de Santa Fé, Costa Marques, Rondônia



Comissão escolhida para cuidar da alimentação durante a Oficina de Mapas realizada nos dias 11 e 12 de setembro de 2009, na Comunidade Quilombola de Santa Fé, Costa Marques, Rondônia

[...] ele disse: “Ou tudo ou nada, você recebe mil ou nenhum”. Ai o que eu ia fazer? Aí o cara chegou em casa, chegou na minha casa, dois pistoleiros cada um com arma na cintura, cheia de bala, ai disse assim: “É pra desocupar a casa”. Ainda tinha umas galinhas lá jogadas no canto, a mulher já saiu de dentro da casa com as galinhas e os ovos, já pegando, tocando fogo na casa, a mulher lá dentro de casa. Foi ele e o Pascoal. Como é que eu vou dar apoio pra um homem desse? Eu não dou um pedaço de terra pra ele porque quem sofre, quem sofreu o que nós sofremos sabe o quanto custa.

Eugenio Rodrigues de Alencar, 71 anos

Não demorou muito, nós estávamos na cidade e eu pagando aluguel de quarto, e lá voltamos, porque faltava uma coisinha, no porto. Quando ele chegou tava tudo embarcado. Quando cheguei ali, ele já estava. Ele disse: “Já está pronto?” Pensei que era outra coisa. “A caixa estava vazia?” “Tá, ta vazia”. Quando eu vi que ele puxou o isqueiro do bolso a minha casa era velha de assoalho, alta, toda de palha, puxou e começou. Me deu uma raiva [...] Só ficaram cinza, que perversidade [...].

João Ortiz Ferreira, 76 anos

O padre Paulo na época foi o grande guerreiro que conseguiu conquistar a terra de volta, quando o padre Paulo foi embora, o Padre João veio para o município de Costa Marques e ficou responsável pela área que era a Comunidade de Santa Fé. **Sebastião Rodrigues Filho**, presidente da Associação Quilombola da Comunidade de Santa Fé

Com funcionários públicos

Ela se tornou chácara a partir do tempo que o Ex Prefeito Dinho Mesquita tava no mandato e mandou um funcionário da Prefeitura de nome Israel (breu) para cortar a área. **Sebastião Rodrigues Filho**, presidente da Associação Quilombola da Comunidade de Santa Fé

Só que ai teve funcionário da prefeitura que pegava cinco, pegava seis, pegava dez e ia vendendo e nem tem ainda hoje aí, quatro, cinco, seis. **Francisco Flores Ferreira, 42 anos**

Tinha um vereador cutucando lá em Ji-Paraná, reivindicando que viesse o INCRA o mais rápido possível em Santa Fé porque os quilombolas queriam tomar a terra dos outros, que não era nossa. Então eles conseguiram, o INCRA realmente[...] marcaram uma reunião que nem nós da comunidade sabíamos dessa reunião [...] Aí ele, Paroa Mota falou: “Sebastião hoje tem uma reunião lá na casa da tua mãe”. Sobre o que? “Sobre a demarcação, que a partir de segunda-feira o INCRA já vai demarcar a comunidade de Santa Fé tudo como chácara. Nós tudinho queremos que seja área de chácara mesmo”. Aí o outro que tava, que era o Cota falou: “Não, isso é bom Sebastião porque a gente vai poder vender, comercializar”. Eu falei: rapaz, o que for contra a comunidade eu vou bater o pé. Aí eu fui lá no Vereador Amaury Arruda, aí Amaury falou: “Sabá, toma esse documento aqui. Esse aqui é o coação da associação”, o CNPJ que tinha saído naquele dia[...] grampeei uma cópia da certidão de



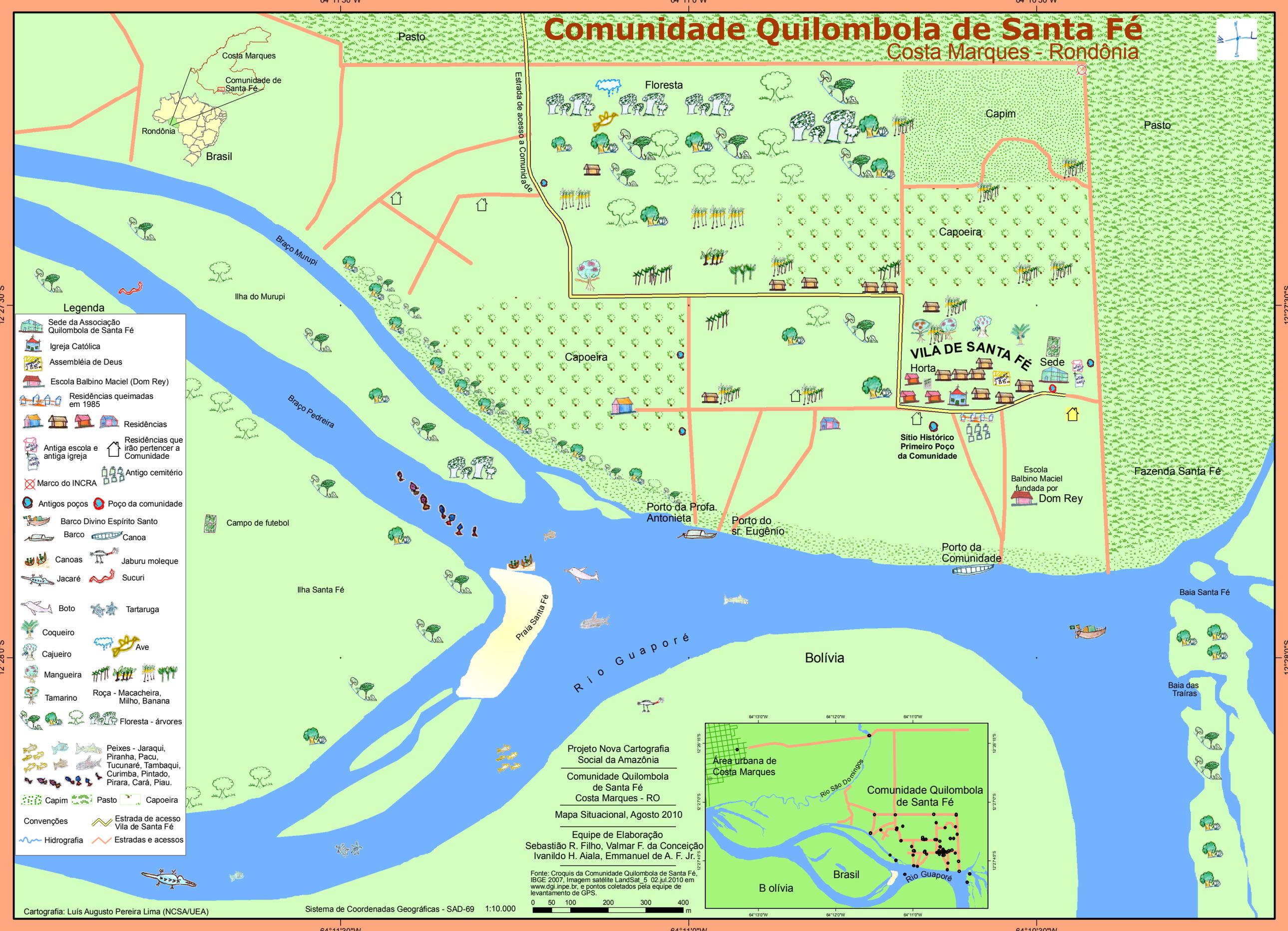
Oficina de Mapas realizada durante os dias 11 e 12 de setembro de 2009, na Comunidade Quilombola de Santa Fé, Costa Marques, Rondônia



Mostrando o marco colocado pelo INCRA

Comunidade Quilombola de Santa Fé

Costa Marques - Rondônia



- Legenda**
- Sede da Associação Quilombola de Santa Fé
 - Igreja Católica
 - Assembléia de Deus
 - Escola Balbino Maciel (Dom Rey)
 - Residências queimadas em 1985
 - Residências
 - Residências que irão pertencer a Comunidade
 - Antiga escola e antiga igreja
 - Antigo cemitério
 - Marco do INCRA
 - Antigos poços
 - Poço da comunidade
 - Barco Divino Espírito Santo
 - Barco
 - Canoa
 - Canoas
 - Jaburu moleque
 - Jacaré
 - Sucuri
 - Boto
 - Tartaruga
 - Coqueiro
 - Cajueiro
 - Mangueira
 - Tamarino
 - Roça - Macacheira, Milho, Banana
 - Floresta - árvores
 - Peixes - Jaraqui, Piranha, Pacu, Tucunaré, Tambaqui, Curimba, Pintado, Pirara, Cará, Piau.
 - Capim
 - Pasto
 - Capoeira
 - Estrada de acesso Vila de Santa Fé
 - Estradas e acessos

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
 Comunidade Quilombola de Santa Fé
 Costa Marques - RO
 Mapa Situacional, Agosto 2010

Equipe de Elaboração
 Sebastião R. Filho, Valmar F. da Conceição
 Ivanildo H. Aiala, Emmanuel de A. F. Jr.

Fonte: Croquis da Comunidade Quilombola de Santa Fé, IBGE 2007. Imagem satélite Landsat_5 02.jul.2010 em www.dgi.inpe.br, e pontos coletados pela equipe de levantamento de GPS.





Desenhando os croquis, Oficina de Mapas realizada durante os dias 11 e 12 de setembro de 2009, na Comunidade Quilombola de Santa Fé, Costa Marques, Rondônia

auto reconhecimento e uma cópia do CNPJ. Quando eu cheguei aqui o padre Zezinho já sabia, o padre Zezinho já tinha entrado em contato com o antropólogo Samuel, que já sabia de Porto Velho[...] Eles se ajeitaram, eu sei que o seu Ademir, o agrônomo que hoje faz o trabalho ajudando o Samuel, sobre a questão quilombola, ele falou que a partir de segunda-feira ia ser contado como chácara. Aí eu fiquei assim. Aí depois que ele explicou a situação, depois que ele explicou a situação que foi ver lá as leis do governo federal aí disse: “gente, o artigo 46 e 48 diz: quem é funcionário público não pode ter terra na área da União”. Aí eu já fiquei mais aliviado. Porque tinha mais de trinta funcionário na reunião, não era nem a comunidade que estava na reunião, eram os funcionários. Aí eu coloquei os documentos aí pedi licença que eu queria me apresentar. Me apresentei: Ademir, eu sou o presidente da associação quilombola, faço questão que o senhor pegue o CNPJ e a certidão de auto reconhecimento. Ele se assustou, ficou assim: “Ah, aqui é uma área de remanescente de quilombo?”. Ele se recuou, mais depois pegou[...]. Ele falou: “Gente, eu não posso, eu não tenho autoridade de mexer nessas terras que aqui é uma área de remanescente de quilombo, eu não posso mexer. Quem pode é só o Samuel que é antropólogo. Vocês conhecem?” Todo mundo: “conhecemos, ele esteve na comunidade”. Aí os funcionários ficaram cochichando um com o outro e ó! Foram em bora. Só que todo o tempo o padre Paulo... os funcionário vinha pedir terra pra ele e ele sempre falava que não dava terra pros funcionários porque eles tinham como sobreviver e os que estavam aqui não tinha. Daí depois, em 2000, quando o ex-prefeito ganhou, Dinho Mesquita, ele achou melhor que se passasse a terra pra mão da prefeitura, ia ser melhor pra nós porque a prefeitura ia dar mais assistência pra comunidade, mas foi ao contrário. Que quando passou pra mão da prefeitura, na responsabilidade da prefeitura, a prefeitura mandou o cidadão a vim cortar as chácaras aqui e quando a gente abriu o olho essas terras aqui de Santa Fé já estavam já todas nas mãos de funcionário público. **Sebastião Rodrigues Filho**, presidente da Associação Quilombola da Comunidade de Santa Fé

O cercamento do porto e do cemitério da comunidade

Ali naquela fronteira na beira do rio, depois da minha casa, ali foi trancado, coisa que antes era livre e depois já se tornou impedido, eu tinha que passar com a minha bacia de roupa por debaixo do arame porque eu não conseguia desatar aquele amarrado que fizeram ali, eu acho que era pra ninguém passar, então a gente tava ficando realmente constrangido nessa comunidade. Não tava tendo mais não. Livre, não. **Mafalda da Silva Gomes**, 57 anos

Ele passou esse arame ai sabendo que tinha um cemitério aí dentro e ele sabia que não podia fazer isso. **Eugenio Rodrigues de Alencar**, 71 anos

E a primeira pessoa a fechar o porto se chama Israel. Foi a primeira pessoa que fez essa cerca aí. Quando o cara fechou lá e eu cortei, o cara me peitou lá na rua. **Sebastião Rodrigues Filho**, presidente da Associação Quilombola da Comunidade de Santa Fé

Pesca

Nós temos um limite de pescar e nesse limite de pesca nossa ta cheio de turista levando nosso peixe, e levando em alta quantidade e vários tamanhos de peixe que não é pra pegar tão pegando. Eu desci agora segunda-feira e dá tristeza de ver da boca do São Miguel pra cá é caixas e mais caixas, os carros dá acesso aqui ó, eles passam assim que, ta lotado de caixa. Abaixo da boca do São Miguel já vem a primeira baía, é a baía de Belém [...] o carro vai lá. Aí também dali no meio ta o menino da boa vida, o Sérgio, aí vem Santa Rosa e depois vem onde era o porto do seu Anselmo e aí depois vem [...] tudo tem estrada, tudo com carro encostado e caixa em cima. **Francisco Flores Ferreira**, 31 anos

Mas o peixe ta se acabando, mas o que ta acontecendo? É a questão desses turistas que estão entrando, então é isso que hoje nós reivindicamos pro Samuel: nós precisamos de uma placa pra identificar pra proibir e o Samuel disse que agora chegando lá já vão fazer essa placa, vai ser colocada ali no Cleiton e lá no limite onde foi demarcado para os quilombos. Porque chegou esses dias, ficou quase quinze dias um ônibus lá de Minas Gerais, quando eu fui lá visitar eles eu tive explicando a situação, aí eles foram embora, aí eles falaram pra mim que eles não tinham conhecimento. “Aqui é uma área de remanescente de quilombos, aqui existe uma associação[...]” e eles: “não, nós só estamos levando traíra, traíra é peixe predador” e eu falei: “mas vai fazer falta no futuro pra nós aqui dentro da comunidade”. **Sebastião Rodrigues Filho**, presidente da Associação Quilombola da Comunidade de Santa Fé

As conseqüências da devastação por grileiros e fazendeiros

Ali em casa é um bom exemplo disso, ali em casa tinha todo tipo de macaco, macaco-prego e esse macaquinho pequeno, [...] os macacos sumiram, aí quando foi esse ano eu não sei como chegou dois casais de macacos. [...] **Eugenio Rodrigues de Alencar**, 71 anos

Antes nós tínhamos o remédio natural e hoje nós não estamos encontrando mais, por exemplo, aqui nessa terra de Santa Fé, aqui tinha a “negra-mina” que curava a febre, porque eu, por exemplo, vim conhecer médico eu já era mãe de muitos filhos, minha mãe criou treze filhos, mas foi sem conhecer médico, quando ficava doente era remédio natural mesmo. Aqui tinha minha tia, bem mesmo quilombola, a finada Siríaca Gomes, acho que muita gente aqui conheceu ela, ela foi moradora daqui também, então ela era uma que era parteira e tratava de muitas pessoas, crianças que ficavam doentes ela tratava só com remédio natural, inclusive essa “negra-mina” era uma folha grande e grossa verde-escura, hoje a gente não encontra mais essa erva aqui pra fazer remédio. Então



Apresentação dos croquis, Oficina de Mapas realizada durante os dias 11 e 12 de setembro de 2009, na Comunidade Quilombola de Santa Fé, Costa Marques, Rondônia

assim outros remédios mais como aquele unha-de-gato é muito difícil já pra achar. **Mafalda da Silva Gomes**, 57 anos

Aqui tem um problema acho que foi do ano passado pra cá foi que correu fogo e aqui todo ano tem fogo num canto ou no outro, o fogo entrava aqui, vazava lá, entrava lá, vazava aqui, no ano passado ainda pegou o meio aqui ainda, esse fogo veio lá do quinze que chegou aqui em Santa Izabel ali na comunidade. **Francisco Flores Ferreira**, 31 anos

É por mancha as palhas aqui. Tem aqui onde é o Vitor ali, daquela matinha alta pra trás tem. Lá no Vitor, ali na chácara do Sabazinho tem outra mancha e só. Pra mim, ali pros meninos, pro Francisco não tem mais aricuri, é só umas coisas na najazeira. **Valmar Ferreira da Conceição**, 48 anos

Agora o que nós temos que evitar é esse fogo cruzado pra cá. No Aricuri ta acabando. Do começo da comunidade que vem da cidade pra cá, tá tendo um local de inajá, que coisa mais linda, se o fogo entrar, o fogo acaba com ela, mas se não entrar vai ficar bonito [...].o Aricuri já ta se acabando, você pra tirar uma palha pra cobrir uma casa da palha de Aricuri é uma dificuldade, não encontra mais não e antigamente tinha bastante. **Sebastião Rodrigues Filho**, 39 anos, presidente da Associação Quilombola da Comunidade de Santa Fé

A Associação

Nós estamos aqui na associação dos quilombolas de Santa Fé que eu mesmo participo [...]. **Valmar Ferreira da Conceição**

Hoje nós já temos aqui uma Associação de Remanescentes Quilombolas, eu sou associado também [...]. Porque a vinte anos atrás, eu não sabia o que era uma associação, eu não sabia o que era o significado, eu não sabia o que era nada. Então hoje conforme o tempo você vai procurando e vendo as coisas como é que é, [...] ocê vai prestar atenção, o quê que é, como é uma associação. **Luis Pedro da Silva**

Hoje nós temos a nossa associação aqui funcionando dando o direito que essas pessoas têm. **Mafalda da Silva Gomes**, 57 anos

As festas

Era a passagem da coroa do Espírito Santo que você se preparava, o Sabá, o pai dele, a comunidade toda aqui compra um boi, coisa pra fazer comida, bolo, quando é a passagem da coroa ou no pernoito aqui, que é uma das festas que tem tradição. Mas o padroeiro daqui é São Francisco. Desde que eu conheço aqui, desde 1950 que eu passei por aqui num sabia quem era o padroeiro. Porque no tempo da, no tempo que eu cheguei aqui o povo recebia a coroa nesse lugar. Mas com o passar dos tempos a gente foi perdendo aquela tradição assim e aí chegou um tempo que nem o barco do divino encostava mais aqui[...]. **Eugenio Rodrigues de Alencar**, 71 anos

Essa tradição começa aqui na beira do Guaporé, lá em Surpresa, passa por aqui nesse rio aqui e vai até Pimenteira, todo o ano ela faz esse trajeto aí, eu acho que no mês de maio e junho, é



Casa de bilhar, Comunidade Quilombola de Santa Fé, Costa Marques, Rondônia



Cozinhando o almoço, Comunidade Quilombola de Santa Fé, Costa Marques, Rondônia

quarenta dias de caminhada pelo rio, toda a comunidade da beira do rio, que seja uma casa só, ela tem que parar. **Mafalda da Silva Gomes**, 57 anos

Tem aqui a evangélica. E a comunidade, no dia dos pais a gente fez, cada um contribuiu com alguma coisa, com o que podia e esse ano a gente quer se Deus quiser, começar a fazer todo ano o festejo do padroeiro da comunidade que é São Francisco. **Sebastião Rodrigues Filho**, presidente da Associação Quilombola da Comunidade de Santa Fé

Dom Rei

A primeira escola daqui [...] Foi fundado por Dom Rei. Naquele tempo não era estadual, era territorial. Então os professores foram todos formados no colégio em Guajará-Mirim por Dom Rei, era o bispo diocesano de Guajará-Mirim. **Eugenio Rodrigues de Alencar**, 71 anos

O bispo, o Dom Rei, porque naquela época era muito difícil para as pessoas de baixa renda, em termos de educação era muito difícil, e só ele fazia esse trabalho de trazer as meninas juvenzinhas pra estudar e foi como muitas delas conseguiram ser professoras. [...] Eram, eram de famílias negras. **Mafalda da Silva Gomes**, 57 anos

Reivindicações

- Recuperação completa da vicinal que liga a Comunidade Quilombola à Zona Urbana do município, com a elevação do aterro e recuperação das pontes.
- Construção de uma Escola de ensino fundamental.
- Construção de um Posto de atendimento médico e odontológico.
- Saneamento básico (água tratada e esgoto sanitário, além da construção de módulos sanitários).
- Projetos voltados para geração de empregos: Ecoturismo, piscicultura, criatório e comercialização sustentável de quelônios.
- Demarcação imediata do território pertencente a Comunidade Quilombola de Santa Fé, de acordo com o Art. 68 do ADCT da Constituição Federal de 1988 e o Decreto 4.887/2003.



Crianças tomam banho no rio Guaporé enquanto as mulheres lavam as roupas



Batendo ponto de GPS no Rio Guaporé, Comissão retirada durante a Oficina de Mapas para realizar a tomada de pontos de GPS

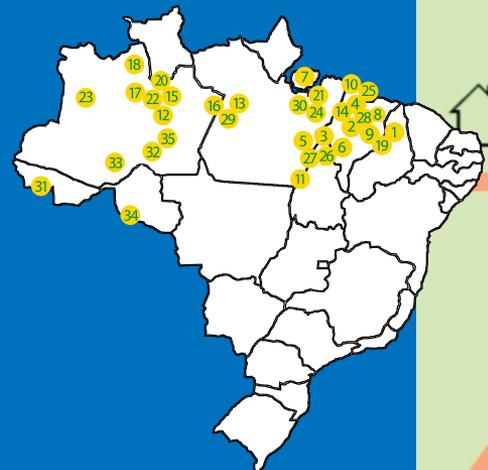
CONTATO

Comunidade Quilombola de Santa Fé
Estrada de Santa Fé
Linha Santa Fé Costa Marques RO
telefone 69. 8483-1455 – Sebastião

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açu, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das peconheiras e peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos ribeirinhos e indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta – Alcântara – MA
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciriaco – Realidades e desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, Maranhão
- 29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém – Pará
- 30 Ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará
- 31 Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, Acre
- 32 Ribeirinhos, extrativistas e agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antonio – Humaitá, AM
- 33 Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lábrea, AM
- 34 Quilombolas de Santa Fé – Costa Marques, RO
- 35 Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Manicoré, AM



REALIZAÇÃO

Associação Quilombola de Santa Fé – ASQSANTAFE

APOIO

Associação Quilombola do Forte – ASQFORTE

Federação das Associações Comunitárias e Quilombolas do Vale do Guaporé – FACQVALE

Associação Comunitária do Bairro da Mangueira – ASCOBAM

Representação de Ensino/ SEDUC – COSTA MARQUES

EMATER /RO

INCRA /RO

SEDAM /RO

IDARON /RO

Deputado Estadual Lebrão

Liga de Desporto de Costa Marques – LDCM

Paróquia de Santa Fé



Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares Afro-amazônicas – GEPIAA
Universidade Federal do Rondônia – UNIR

